

Entre espaços físicos e digitais na produção do lugar: uma reflexão a partir de uma comunidade urbana de João Pessoa, PB.

Williane Juvêncio Pontes

Universidade Federal da Paraíba

williane.pts@gmail.com – <https://orcid.org/0000-0002-0427-1487>

RESUMO

Os modos de fazer cidade encontram complexificação com a emergência do digital no cotidiano, contribuindo para a produção de formas de ser e estar no urbano. Na Comunidade do Timbó, situada na zona sul da cidade de João Pessoa-PB, o âmbito digital é assimilado a partir da dinâmica local, que configura modos de uso e agenciamento e promove a construção de espaços físicos e digitais no lugar. Com o intuito de refletir sobre os sentidos mobilizados pelos jovens moradores na produção do Timbó, a discussão se debruça sobre os dados elaborados durante o trabalho de campo presencial na comunidade e o acompanhamento do perfil Nossa Comunidade, ativo no Instagram. É, portanto, um esforço interpretativo para ponderar a elaboração de uma perspectiva de dentro da comunidade, amparada nas concepções dos moradores.

Palavras-chave: Digital; Pertencimento; Antropologia Urbana.

Between Physical and Digital Spaces in the Production of Place: A Reflection from an Urban Community in João Pessoa, PB

ABSTRACT

The modes of city-making become more complex with the emergence of digital elements in everyday life, contributing to the production of forms of being in urban spaces. In the Timbó Community, located in the southern zone of João Pessoa-PB, the digital is assimilated through local dynamics, which shape modes of usage and agency, fostering the creation of both physical and digital spaces in the place. Aiming to reflect on the meanings mobilized by young residents in the production of Timbó, the discussion focuses on data collected during in-person fieldwork in the community and the monitoring of the Instagram profile Nossa Comunidade. This is, therefore, an interpretive effort to consider the development of a perspective from within the community, grounded in the residents' conceptions.

Keywords: Digital; Belonging; Urban anthropology.

Entre espacios físicos y digitales en la producción del lugar: Una reflexión desde una comunidad urbana de João Pessoa, PB

RESUMEN

Los modos de hacer ciudad se complejizan con la emergencia de lo digital en la vida cotidiana, contribuyendo a la producción de formas de ser y estar en lo urbano. En la Comunidad de Timbó, situada en la zona sur de la ciudad de João Pessoa, PB, el ámbito digital es asimilado a partir de la dinámica local, que configura modos de uso y gestión y promueve la construcción de espacios físicos y digitales en el lugar. Con el objetivo de reflexionar sobre los significados movilizados por los jóvenes residentes en la producción de Timbó, la discusión se centra en los datos elaborados durante el trabajo de campo presencial en la comunidad y el seguimiento del perfil Nossa Comunidade, activo en Instagram. Es, por lo tanto, un esfuerzo interpretativo para considerar la elaboración de una perspectiva desde dentro de la comunidad, sustentada en las concepciones de los residentes.

Palabras clave: Digital; Pertenencia; Antropología urbana.

Introdução

A favela e as comunidades urbanas são constantemente apreendidas como territórios ainda associados à pobreza, a violência e à criminalidade, com seus moradores marcados por um estigma territorial (Wacquant, 2017). É comum que a vinculação de um sujeito a estes locais de moradia resulte em uma espécie de limitação da trajetória nas ações corriqueiras - como a aceitação em emprego - e uma desconfiança sobre o comportamento do indivíduo (Machado, 2017, p. 41). A descrença e a suspeita em relação a esses lugares e seus moradores é frequente e se circunscreve nas interações banais da vida cotidiana e nos domínios jornalísticos, políticos, burocráticos e até acadêmicos.

Ao refletir sobre o estigma territorial, Löïc Wacquant (2017, p. 28) ressalta que o local de moradia se configura como um elemento que pode desqualificar um indivíduo e impedir sua total aceitação pelos outros, mas que também pode ser dissimulado, atenuado ou anulado através da mobilidade geográfica. Esta possibilidade ocorre devido ao fenômeno da estigmatização territorial está intrinsecamente relacionada à produção de áreas reservadas ou ocupadas pelos párias urbanos, constantemente associados às figuras pobres e minorias raciais e étnicas. Como pontua Wacquant,

Que esses lugares estejam ou não deteriorados, sejam ou não perigosos e a sua população seja ou não essencialmente composta de pobres, minorias e estrangeiros, tem pouca importância, no fim das contas: a crença preconceituosa de que assim são basta para engendrar consequências socialmente nocivas (Wacquant, 2017, p. 29).

Os imaginários sobre as favelas e comunidades urbanas são múltiplos e, em grande parte, construídos de fora para dentro. Eles são moldados por diversos agentes institucionais — como prefeituras, jornalistas e acadêmicos —, pela produção audiovisual — incluindo filmes, séries e documentários —, mas também pela autorrepresentação dos próprios moradores, especialmente com a crescente presença das plataformas digitais em seu cotidiano. É mais um campo de disputas e negociações por práticas e sentidos vinculados a esses lugares, com os moradores agenciando em construções de imaginários de dentro para fora (Machado, 2017).

A narrativa dos moradores nas plataformas digitais é uma ampliação das vozes das favelas e comunidades urbanas, sendo mais um recurso para a ocupação simbólica da cidade, principalmente com os jovens difundindo formas e práticas interativas nos locais, bem como exercitando a cidadania. Assim, “histórias vão sendo narradas, tecidas e

reescritas, enriquecendo os debates sobre direitos sociais dos moradores das periferias, sobre conflitos e sonhos de uma vida digna e de oportunidades” (Machado, 2017, p. 20), de modo a buscar uma reconfiguração do processo de estigmatização territorial e dos imaginários consolidados em torno desses lugares, geralmente associados a sentidos moralmente negativos.

Nos interessa essas formas de sentir a cidade a partir do lugar de pertença e das práticas de cidadania expressadas em mobilizações comunitárias, refletindo sobre como a estigmatização territorial é vivenciada e quais os agenciamentos na produção de sentidos sobre a Comunidade do Timbó, localizada no bairro dos Bancários, zona sul da cidade de João Pessoa. A discussão é embasada na experiência dos e com os jovens moradores mediante o trabalho de campo presencial, na comunidade e digital (no *Instagram*¹), para compreender a produção do Timbó enquanto unidade espacial e social heterogênea, que extrapola as recorrentes associações à carência e à criminalidade.

Traçados teórico-metodológicos

A cidade é apreendida a partir da Comunidade do Timbó, na interlocução entre os espaços físicos e digitais para pensar a complexidade contemporânea que configuram modos de produzir, viver e sentir o urbano, com a emergência do âmbito digital como parte do cotidiano dos cidadãos. O Timbó, em especial, é apreendido como universo de pesquisa para refletir sobre a ideia de cidade e de urbano no contexto de João Pessoa, capital da Paraíba, na região Nordeste do país. Uma comunidade que se circunscreve em uma conjuntura espacial, histórica, social e econômica específica (Pontes, 2023) que contribui para o processo de estigmatização territorial sobre o lugar e os seus moradores.

Estar situado em um bairro de crescente valorização imobiliária e fazer fronteira com outros bairros de classe média – o Jardim Cidade Universitária –, média alta e alta – o Portal do Sol e o Altiplano Cabo Branco –, foi o elemento inicial que atentou o interesse em trabalhar com a Comunidade do Timbó. Este local de moradia e vivência é apurado como o universo de pesquisa que delimita uma espacialidade temporal e geograficamente localizada que produz uma forma de urbanidade compreendida a partir da experiência dos moradores, sendo nesse universo que a metodologia é pensada e os dados analíticos são produzidos.

¹ O Instagram, a grosso modo, é uma rede social para o compartilhamento de fotos e vídeos entre os usuários, permitindo a troca de mensagens privadas e a interação por meio de comentários nas postagens.

Na feitura do Timbó como universo de pesquisa foi empenhado um levantamento do material bibliográfico sobre a comunidade, com o mapeamento e a leitura dos trabalhos (Dantas, 2003; Soares, 2009; Pita, 2012; Araújo, 2014), a busca pelos traçados urbanos da localidade na plataforma do Google Maps² e a sondagem de perfis ou páginas no Facebook³ que representassem as possíveis coletividades do lugar. Material que foi incrementado pelo trabalho de campo presencial, acessando as ruas e locais da comunidade para reconhecer a localidade, acessar os moradores e se inserir no cotidiano para construir relações de interlocução. A grosso modo, assim ocorreu a aproximação com o universo em 2018, com trabalho de campo presencial entre agosto deste ano até outubro de 2019, durante a dissertação de mestrado.

Trabalho que foi fundamental para entender o processo de surgimento, consolidação e desenvolvimento da comunidade, bem como a forma de sociabilidade que se desenvolve. Foi uma interpretação antropológica embasada na experiência de grupos de moradores mais antigos, com uma média de 20 anos de residência no lugar, acompanhando as transformações e permanências nas configurações urbanas e nas trocas relacionais. Esse conhecimento sobre o Timbó contribuiu para reformular a nova inserção durante o doutorado, marcado pela conjuntura extraordinária da pandemia do novo coronavírus, com a impossibilidade de realizar campo presencial devido aos riscos de contágio e a execução do isolamento social.

Nessa conjuntura, direcionei a pesquisa para a interlocução com os espaços físicos e digitais do Timbó, resgatando as observações sobre os usos das ferramentas digitais no cotidiano, as averiguações de perfis e páginas nas redes sociais e a procura pelo universo analítico no buscador da plataforma digital *Google* com o mapeamento de material em sites jornalísticos e administrativos – da prefeitura municipal – e em blogs cujo o conteúdo vincula-se à comunidade. O campo é retomado a partir do digital e a reflexão sobre o desenvolvimento do trabalho nesse âmbito é norteadada pelo diálogo com as discussões, principalmente, de Mônica Machado (2017, 2017a) e Christine Hine (2020).

Cabe ressaltar que apesar do *boom* no uso das plataformas digitais tenha se intensificado durante a pandemia, essa tecnologia já era utilizada na comunidade

² Um serviço de GPS que permite a visualização de mapas e imagens satélite do planeta, fornecendo rotas para transitar a pé, de carro, bicicleta, ônibus ou metrô e trem.

³ Rede social que funciona por aplicativo em smartphone ou site em computador, mediante o acesso à internet, que possibilita o compartilhamento de texto, fotos e conteúdos audiovisuais, a interação por meio dos comentários nas postagens ou pela troca de mensagens privadas.

anteriormente, como foi possível observar durante a aproximação e primeira inserção no Timbó. É uma tecnologia assimilada localmente e utilizada na forma de sociabilidade, contribuindo para fomentar a pessoalidade que impera nas trocas relacionais. Isso é possível devido os sentidos eminentemente locais que configuram os usos das redes sociais pelos moradores, reforçando a afirmação de Machado (2017) sobre como a apropriação dessas tecnologias se relaciona com as vinculações socioculturais nas quais os sujeitos se inserem.

Concordo com a discussão da autora, que atenta para como o caráter meramente instrumental, como meio de comunicação destituída da presencialidade face a face, é ultrapassada ao trabalhar e agenciar no digital. É um âmbito moldado pelas circunstâncias, um ambiente socialmente construído que apresenta imersões morais e emotivas e modos de ser e estar no mundo contemporaneamente. O *WhatsApp*⁴, por exemplo, é amplamente empregado na manutenção e complementação da circulação de informações entre os moradores, sendo um elemento comum para contactar o outro de qualquer local, principalmente da calçada, onde ocorreu a maioria dos encontros com os interlocutores.

É recorrente estar em uma conversa sentada na calçada com um grupo de moradores e, um momento e outro, constatar o uso do aparelho celular para enviar uma mensagem, em sua maioria de voz; ou interromper o diálogo por ter recebido uma mensagem ou uma ligação. O *WhatsApp* e suas mensagens de voz e ligações foi o mais presenciado em campo durante a primeira imersão na comunidade e essa identificação é elemento de reflexão para o desenvolvimento do segundo momento de trabalho de campo. Se o digital é corriqueiro e está captado na forma de sociabilidade, usado para preservar o contato com o outro semelhante – com a troca de informações sobre atividades religiosas, o planejamento de encontros, a realização de festas, a paquera, a venda de produtos no comércio local e demais conversas banais –, como pensar a produção da comunidade na interlocução entre os espaços físicos e digitais?

Seguir com o trabalho nas plataformas, mapeando, entre outros, os perfis e as páginas nas redes sociais com conteúdo vinculado ao Timbó para analisar como os moradores produzem o lugar de pertença e quais os sentidos são acionados nesse processo, com uma construção de dentro, daqueles que sentem a cidade a partir da comunidade, foi possível devido às características da internet. Segundo Hine (2020), a

⁴ Software utilizado principalmente em smartphones, via acesso à internet, viabilizando uma conta através do número de telefone para a troca instantânea de mensagens de texto, vídeo, foto ou áudio, bem como para a ligação de vídeo ou voz.

internet é incorporada, corporificada e cotidiana, o que fundamenta a experimentação digital e sua continuidade com o presencial, sendo dois âmbitos interligados. Os espaços digitais são experienciados por usuários corporificados que produzem conteúdos advindos e incorporados no cotidiano, nas banais trocas relacionais.

Ao agregar sentidos ordinários, como o uso para repassar informações sobre atividades na comunidade, para fofocar sobre acontecimentos locais ou para trabalhar com os pedidos de compra e venda no comércio, acaba incorporando os códigos morais e emotivos, bem como as trocas materiais dos moradores. O *WhatsApp* é incorporado na vida, mas também outras redes sociais, como o *Instagram*, muito utilizado pelos grupos de jovens, como foi constatado no mapeamento dos perfis ativos que produzem conteúdo sobre a comunidade. Ao fazer parte da vida, consequentemente perpassa modos de ser, pois é corporificada em maneiras de sentir o lugar de moradia e pertença e de constituir identidades. É difícil separar a internet e o digital da existência da maioria dos indivíduos na contemporaneidade, pois “os sujeitos são um corpo situado histórica e socialmente que sentem e coparticipam dos processos na internet” (Pontes e Souza, 2022, p. 183).

As três características pontuadas por Hine fundamenta sua compreensão da internet como um ambiente social e não como somente um meio de comunicação, a complexidade proporcionada pela conectividade, a mobilidade entre o *online* e o *offline* e o espaço híbrido onde as interações físicas e digitais se sobrepõem requer a formulação de uma abordagem metodológica que capture os significados e as interações que emergem nos espaços digitais. Não desenvolvemos uma etnografia virtual nos termos da autora (2000), mas nos inspiramos nas considerações sobre a multilocalidade, a conectividade, o reconhecimento do hibridismo, a imersão digital e a compreensão contextual no planejamento e execução do trabalho de campo.

A multilocalidade se refere a variados espaços onde ocorrem as interações online, como no *WhatsApp*, no *Instagram*, no *Facebook*, nas caixas de comentários das matérias publicadas nos sites jornalísticos, da PMJP e dos blogs ou dos vídeos publicados no *YouTube*. Aqui, nos debruçamos sobre uma plataforma específica, o *Instagram*, a rede social onde foi mapeado a maioria dos perfis ativos e com uso frequente produzindo conteúdo sobre a comunidade, mas considerando as outras plataformas para situar os diversos sentidos mobilizados por moradores e não moradores. Os diversos perfis identificados e acompanhados são administrados majoritariamente por jovens moradores, que também

estão mais presentes nas interações em comentários das publicações e reportagens via *story*⁵.

São perfis coletivos, isto é, que buscam representar os moradores de modo geral ou grupos, publicando sobre suas atividades e acontecimentos em torno do Timbó. Não interessa, aqui, abordar cada perfil individualmente, visto que a proposta é identificar e analisar os sentidos e as práticas voltadas para o exercício da cidadania e a produção de um lugar de pertencimento, por isso nos debruçamos sobre um balanço reflexivo que aciona uma ou outra postagem para embasamento da discussão. Para isso, optou-se por embasar a reflexão a partir do perfil mais conhecido e de atividade frequente, a *Nossa Comunidade*⁶, acompanhado diariamente de novembro de 2020 a agosto de 2021, para verificação individual de cada publicação e interação; e corriqueiramente nos anos de 2022 e 2023 para compor o acervo do material construído.

Os jovens presentes na rede social constroem narrativas e práticas em torno do lugar de moradia e pertencimento e a aproximação ocorreu, principalmente, com moradores menores de 25 anos, contactados pelas mensagens privadas via *Instagram* e mantendo o diálogo com encontros presenciais para conversas informais e realização de entrevistas gravadas. A conectividade e o hibridismo são encarados para condicionar o trabalho de campo, que parte do digital, mas não se restringe a ele ao entender a interligação com o *offline*/presencial, o modo como os sentidos agenciados transitam entre os dois âmbitos, exigindo o que Hine (2020) chama de abordagem integrativa. Isso porque as fronteiras entre ambos estão cada vez mais tênues e a fluidez com que os sujeitos transitam entre um e outro atenta para a circulação de práticas e discursos.

Nesta perspectiva, os jovens são acompanhados na rede social e na comunidade, atentando aos modos como a vivência do e no Timbó são configurados por esses sujeitos. A imersão digital, nesta proposta, é experienciada no *Instagram*, onde verifico cotidianamente as publicações para analisar as imagens, as legendas e as hashtags⁷, bem como a interação nos comentários e a postagem no *story*, aferindo o conteúdo audiovisual

⁵ Um tipo de postagem que dura 24 horas para visualização e desaparece caso não seja adicionado a categoria destaque para ficar disponível no perfil até que seja excluído pelo administrador da conta.

⁶ Codinome usado para se referir ao principal e mais ativo perfil que produz e divulga ações, situações e espaços na Comunidade do Timbó. A escolha de substituir o nome original da conta é feita com a intenção de resguardar, minimamente, o perfil, seu administrador e seguidores, visto que mesmo de acesso aberto e público no Instagram, o administrador se precaveu em não contribuir com a pesquisa por meio de conversas informais ou entrevistas.

⁷ Um link composto pelo símbolo cerquilha: #, seguido de palavras-chave, por exemplo #timbo, que direciona o usuário a uma página com publicações relacionadas a temática da hashtag.

produzido, principalmente, por seguidores que marcam o perfil e é repostado. Notas na caderneta, escrita do diário de campo e captura de tela para salvar o material são empreendidos na construção dos dados, preferindo contemplar a produção dos usuários desta rede social, discutindo um ou outro elemento com esses sujeitos individualmente e não participando da interação nos comentários da publicação.

Na comunidade, na maioria das vezes, os encontros com os jovens ocorreram em locais combinados, mas também ao acaso pelas ruas e estabelecimentos comerciais, quando nos deparamos esses sujeitos trocando ideias com amigos e vizinhos ou passando o tempo no celular usando alguma plataforma digital para entretenimento, como o *WhatsApp* e o *Instagram* ou um aplicativo de jogo. O período da tarde e, especialmente, da noite são propícios para se aproximar dos jovens moradores, pois é corriqueiro deparar-se com eles sentados pelas calçadas, jogando na quadra, conversando nas barbearias ou nas oficinas de motocicletas, por exemplo.

As ruas do Timbó são particularmente favoráveis para o encontro ao outro por serem apreendidas no cotidiano como local para o exercício da sociabilidade, não sendo apenas vias de passagem e trânsito, mas de permanência e interação. Circunstância configurada pela forma de sociabilidade fundamentada na pessoalidade e no sentimento de pertença que fundam maneiras de sentir e viver na comunidade (Pontes, 2021), contribuindo para um trabalho de campo presencial que se processa basicamente nas ruas e pelas calçadas, tecendo conversas e registrando situações e conformações urbanas com a câmera do celular, com o diário de campo, com o rabisco do lápis na elaboração de uma cartografia social.

São as averiguações do conteúdo na plataforma analisada e as observações empenhadas pelas ruas da comunidade que complementam as narrativas acessadas nas conversas informais e nas entrevistas com os jovens moradores. Realizar o trabalho de campo presencial só foi possível a partir de 2022, com o afrouxamento do isolamento social pela pandemia de Covid-19, e fomentou a compreensão contextual em que o Timbó se insere, o cenário mais amplo onde ocorrem as interações e a produção de sentidos sobre a comunidade, na interconexão entre os âmbitos trabalhados.

A produção do lugar

A Comunidade do Timbó tem seu processo de surgimento, consolidação e desenvolvimento relacionado à expansão da cidade de João Pessoa, que reflete o período

de intenso crescimento da capital a partir dos anos de 1970, mediante um projeto de planejamento e ordenamento urbano (Pontes, 2023). Circunstância fomentada com a chegada de levas de migrantes advindo principalmente do interior da Paraíba buscando melhores condições de vida ou tratamento médico e encontrando um déficit habitacional que agrava a condição de moradia por não conseguir apreender os recém chegados.

A busca pela resolução do déficit habitacional encontra respaldo em um projeto de planejamento urbano que desenha a cidade em espaços nobres e periféricos, destinando a população de camadas populares a conjuntos residenciais construídos na zona sul, um dos vetores no crescimento da malha urbana. A maioria desses conjuntos, no entanto, é destinado ao financiamento, o que não soluciona o problema da moradia. A população pobre sem casa e sem condições de manter o aluguel, encontra na ocupação dos espaços ermos a possibilidade de se estabelecer na cidade.

Diferente da zona leste, que abre caminho em direção a ocupação da orla como localidade de residência fixa e não mais de veraneio, a zona sul é planejada e produzida como uma área periférica, distante do centro e das áreas nobres em termo espaciais, sociais e econômicos (Koury, 2018) e composta majoritariamente por pessoas de origem interiorana e rural. É uma área com menor infraestrutura, mas que não condensa somente as camadas pobres, como uma classe média e média baixa que passam a ocupar os conjuntos habitacionais financiados, como o conjunto dos bancários e dos professores, que posteriormente torna-se o bairro dos Bancários.

O bairro é resultado das primeiras habitações mais ao sul, após o campus da universidade federal, oriundo da política habitacional executada através do Banco Nacional de Habitação (BNH), ligado ao Sistema Financeiro de Habitação (SFH) e ao Instituto de Orientação às Cooperativas Habitacionais (INOCOOP), órgãos coordenados pelo Governo Federal, e da Companhia Estadual de Habitação (CEHAP), coordenada pelo Governo Estadual. Aqueles que não dispunham de condições para o financiamento habitam a cidade das margens, dos espaços deixados de lado, como as proximidades de linhas férreas, de BRs, os vales de rios, os mangues as encostas e demais terrenos acidentados que não interessavam à especulação imobiliárias, como ressalta a análise de João Lavieri e Maria Beatriz Lavieri (1992).

A Comunidade do Timbó surge da ocupação de um desses espaços ermos, inicialmente em concordância com os interesses do projeto de planejamento urbano em execução, com a apropriação do terreno para a retirada de matéria prima para a construção do conjunto habitacional dos bancários e dos professores e para a alocação temporária

dos trabalhadores da construção civil em barracas de apoio que diminuía o deslocamento até o local de trabalho, vista a precária e por vezes inexistente transporte público na zona sul. A mão de obra empenhada nessas construções foi daqueles de camadas baixas, estabelecidos ou recém chegados na cidade e que aproveitavam a oportunidade de emprego.

Esse primeiro momento da ocupação perdura durante a construção do conjunto habitacional, entre os anos de 1978 a 1979/80, com a construtora retirando as máquinas e equipamentos da área, bem como as barracas de apoio dos trabalhadores, mas alguns desses perduram na localidade por não ter para onde ir ou para garantir um pedaço de terreno na ocupação em formação. Isso porque nas redondezas das barracas surgiram algumas construções de madeira que abrigavam outros sujeitos que visualizam na ocupação um local para moradia e um meio para ganhar algum rendimento ao abrir serviços - de alimentação, higiene, limpeza e entretenimento - aos então trabalhadores da construção civil.

O segundo momento da ocupação, agora considerada irregular pela PMJP, perdura de 1980 até 1982, com os conflitos entre a administração pública da cidade e os moradores, que buscavam frear e acabar com a ocupação e lutar pela permanência no local, respectivamente. Sendo somente a partir de 1983, com o processo de redemocratização e a adoção de políticas de assistência popular as moradias em ocupações, que o Timbó se consolida como comunidade e recebe serviços básicos de água encanada (1987) e energia elétrica (1988/89), atraindo moradores (ACMVT, 2016)⁸.

É interessante pontuar que no contexto da capital paraibana, as comunidades urbanas são relativamente recentes, com expansão principalmente a partir do século XX e com relação direta ao déficit de moradia, com políticas habitacionais insuficientes e com um planejamento urbano que apreende especialmente as camadas mais nobres da população, que se beneficiam das melhorias na infraestrutura da cidade. Essa conjuntura histórica é um dos elementos que caracteriza as comunidades em João Pessoa, acrescida da localização geográfica, da infraestrutura e das condições de vida, uma vez que esses lugares de moradia e sociabilidade, diferente de casos como o Rio de Janeiro, não são formados em morros, mas em terrenos planos - como os arredores de linhas do trem, de

⁸ Apenas em 2015 a Comunidade do Timbó é urbanizada, contanto com pavimentação das ruas, rede de esgoto, drenagem do rio, contenção da encosta e construção de conjuntos habitacionais para as famílias em situação de risco ambiental, que residiam nas proximidades do rio e das encostas (Pontes, 2020).

áreas de preservação ambiental e de mangues - e acidentados - como os vales de rios e as proximidades das encostas.

A Comunidade do Timbó surge no vale do rio que leva o mesmo nome, com crescimento populacional e urbano circunscrito principalmente no buraco da cratera aberta pela retirada de matéria prima para a construção civil. Assim como outras comunidades da cidade, está circunscrita em uma área de risco ambiental e enfrentou problemas severos de infraestrutura, com o desmoronamento e soterramento de casas próximas as encostas ou o alagamento daquelas às margens do rio nos períodos de intensas chuvas, além de ruas com chão batido, esgoto a céu aberto, a falta de espaços públicos para o lazer e a precariedade no fornecimento de serviços básicos de saúde e educação.

E apesar da criminalidade ligada ao tráfico de drogas estar presente, não predomina na produção de códigos morais do morador, seja entre os mais antigos ou os jovens com quem manteve contato. É mais um dos diversos elementos que perpassa a vivência na comunidade, mas que não a caracteriza unicamente. O tipo de sociabilidade que se processam nesses lugares complementa o conjunto de caracterização do que é uma comunidade urbana na cidade de João Pessoa, onde códigos de pessoalidade parece imperar nas trocas relacionais, bem como a solidariedade e reciprocidade, mas também as estratégias para lidar com os sentidos negativos comumente associados às comunidades, que as relacionam a pobreza, criminalidade, suspeita e desordem (Soares, 2009; Pita, 2012; Araújo, 2014).

O Timbó é perpassado por essas características gerais e o decurso de consolidação e desenvolvimento da comunidade é marcado por um crescimento populacional e uma configuração urbana que delinea o traçado das ruas (Pontes, 2023). As pessoas que se tornam moradoras do Timbó são, majoritariamente, negras e de origem interiorana que chegam à localidade através de redes homofílicas (Marques e Bichir, 2011) e com uma bagagem de experiências emotivas embasadas em vínculos relacionais estreitos e de forte solidariedade, que são recriadas com os novos vizinhos, entre eles familiares, partilhando experiências nos auxílios cotidianos.

Os moradores constroem e se inserem em uma forma de sociabilidade de laços estreitos e duradouros, com uma média de mais de 20 anos de residência, tecendo vínculos com os vizinhos e com o lugar, o que fomenta a produção do pertencimento, de se sentir parte e entre os pares. Esses aspectos relacionais, no entanto, não são apreendidos nas construções de fora para dentro da comunidade, pois é recorrente encontrar conteúdo sobre o Timbó que o retrata como local de violência urbana, com casos de brigas entre

vizinhos ou casais que resultam em mortes e com prisões e apreensões de sujeitos ligados ao tráfico de drogas, de vulnerabilidade ocasionada pelo desordenamento urbano, com falta de infraestrutura básica e áreas de risco ambientais que se agravam nos períodos de chuva, e de suspeita, com as indicações de fugas - após ações criminosas como assalto - em direção a comunidade.

Esses três sentidos são os mais usuais nas matérias publicadas nos jornais locais, cujo conteúdo retrata aspectos da Comunidade do Timbó. Entre os jornais acompanhados pelos sites, a comunidade aparece principalmente na área policial, mas se destaca de sobremaneira durante o inverno, quando estampava as matérias abordando a precariedade local, com ruas lamacentas, casas alagadas e risco de desmoronamento das encostas que levam a medidas preventivas de realocação temporária das famílias em alojamentos em igreja, salões de associações ou escolas no bairro dos Bancários. O Timbó vai crescendo e se desenvolvendo no contexto de ausência, sem ações governamentais para a resolução desses problemas de infraestrutura e as imagens que circulam nos jornais, em torno da comunidade, contribuem para a formação de um imaginário baseado nos sentidos da carência e da violência.

A falta de estrutura associa-se a um processo de desvalorização simbólica da localidade, configurando o que Wacquant denomina de estigmatização territorial, um fenômeno que torna um determinado território marginalizado e afeta diretamente a percepção dos e sobre os moradores. O estigma territorial está vinculado ao local de moradia e fomenta a desvalorização devido à associação dos locais a áreas decadentes, perigosas e problemáticas, sentidos que são produzidos e veiculados nos meios de comunicação, mas também pelas autoridades e a população em geral (Wacquant, 2017). A percepção negativa da localidade perpassa os moradores e leva a uma segregação social e geográfica, reforçando desigualdades. A fácil vinculação do Timbó à pobreza, vulnerabilidade, criminalidade e suspeita embasa um tipo de imaginário consolidado sobre a comunidade, que a desvaloriza, afeta a percepção da população da cidade e dos próprios moradores sobre o lugar.

Pontuar essa circunstância é importante para entender a heterogeneidade que permeia o Timbó, pois enquanto sentidos negativos são agenciados por agentes de fora, os moradores também se mobilizam para cobrar resoluções urbanas para a comunidade. Parceria com igrejas locais e organizações não governamentais – como o Rotary Club, a associação de moradores dos Bancários e o conselho de segurança do bairro –, reuniões entre os moradores e tais parceiros, a busca por vereadores e secretários municipais para

dialogar sobre as condições do Timbó e a participação continuada nos Orçamentos Democráticos (OD) sintetizam a organização e a ação comunitária nos espaços físicos, mas também digitais, com a criação do blog *Informativo Timbó em Ação* e das publicações no blog *Cristão em Ação* que documentaram o trabalho empenhado na campanha SOS Timbó.

A mobilização comunitária ganha contornos nos espaços digitais a partir de 2009, veiculando suas próprias produções: registro fotográficos das condições das ruas e esgotamentos, textos com a narrativa do que era morar naquele Timbó, sem infraestrutura e saneamento básico, mas também as articulações políticas e os compromissos firmados com a administração pública da cidade. Estratégias para o exercício da cidadania são elaboradas e executadas e outro sentido emerge nas construções em torno da comunidade: a organização e a mobilização, a articulação para reivindicar serviços e equipamentos públicos de qualidade para uma vida minimamente digna.

A busca por reverter as condições materiais da Comunidade do Timbó é arquitetada nos espaços físicos, com as reuniões no salão paroquial da igreja local e as participações no OD, e digitais, com a propagação dos cenários da comunidade e dos acordos firmados. Em ambos, pressionando a PMJP e os vereadores por resoluções dos problemas urbanos e pleiteando o apoio da população geral no fortalecimento da campanha em desenvolvimento. Ações que não foram identificadas nas matérias publicadas em jornais cujo conteúdo se relaciona à comunidade, o que atenta para a diversidade de sentidos mobilizados e, sobretudo, quais são acionados por cada grupo que agencia em torno do Timbó, o que nos impulsionou a classificar duas maneiras de construção: uma de fora, daqueles que não possuem vínculo afetivo com o lugar, e uma de dentro, daqueles que mantêm um vínculo de pertencimento com o lugar.

A vinculação com o lugar se constitui, inicialmente, com a criação de relações recíprocas de amizade e vizinhança com outros moradores, que contribui para o fomento do sentimento de pertença, sentir-se entre os pares e como parte do lugar. Sentimento que é tensionado no processo de estigmatização territorial da comunidade, que impacta na autoestima dos moradores e no modo como vivenciam a cidade, uma vez que a localidade onde mora e que nutre pertencimento é frequentemente retratado de modo negativo. Essa forma de retratar, baseada em sentidos negativos, encontram resistência quanto a uma plena internalização do estigma territorial pelos moradores (Wacquant, 2017), característica comum a esse fenômeno.

Os sentidos negativos que fortalecem o estigma territorial do Timbó são enfrentados com a criação de caminhos para o exercício da cidadania, como no caso da

campanha SOS Timbó, reclamando o direito à moradia digna – com a construção de um conjunto habitacional para as famílias em situação de risco ambiental devido o rio e as encostas –, a infraestrutura e ao saneamento básico – com pavimentação das ruas, esgotamento, drenagem do rio e contenção das encostas. O conjunto de obras para a urbanização é resultado da mobilização dos moradores e proporciona uma nova configuração urbana, agora com infraestrutura básica, concluída em 2015, levando a finalização da campanha.

A urbanização é assimilada na narrativa dos moradores mais antigos através de uma diferenciação com o passado, o *Timbó hoje* é uma noção êmica utilizada pelos moradores ao falar sobre a comunidade, como está urbanizada, mas também segura. E mesmo quando ocorre alguma situação considerada problemática pela relação com o tráfico, a diferenciação é acionada para indicar como o morador é caracterizado por códigos morais que se diferenciam dos sentidos negativos que retratam o lugar. O morador é tranquilo, trabalhador, religioso e solidário, são esses códigos que embasam a diferenciação entre nós e eles, aqueles ligados a atividades criminosas. Essa narrativa é comum entre os mais antigos, mas não apareceu na fala dos jovens moradores com quem conversei.

Os jovens estão mais empenhados em ressignificar os sentidos, em produzir e veicular noções sobre o Timbó que se baseiam nos códigos dos próprios moradores, em ressaltar as potencialidades locais, como também em manter a busca por caminhos para o exercício da cidadania. Esses jovens acompanharam a mudança nas condições materiais da comunidade, com as obras de urbanização iniciadas e concluídas durante a infância e adolescência de alguns. São sujeitos finalizando o ensino médio, inserido no mercado de trabalho formal e informal, desempregado ou microempreendedor, encontrados em seus ambientes de trabalho – salões de beleza, barbearia, loja de acessórios e assistência eletrônica, lava jato e oficinas de motos no local –, na escola e, principalmente, pelas ruas.

É comum encontrar um jovem morador sentado em alguma calçada que está à sombra durante a tarde, sozinho ou geralmente acompanhado, com um celular em mãos enquanto conversa com os amigos ou somente zapeando no aparelho. Durante o final da tarde e à noite as ruas ganham uma movimentação acentuada, com as diversas gerações de moradores utilizando as calçadas para o exercício da sociabilidade, entre eles os jovens, que estão pela quadra poliesportiva, pela palhoça, pelas esquinas, por alguns estabelecimentos comerciais e também pelas calçadas. É uma figura igualmente recorrente no perfil *Nossa Comunidade*, onde interagem nas publicações e marcam a conta em stories

com fotos ou vídeos do panorama da comunidade ou de alguma rua, acompanhado de músicas principalmente do gênero rap e trap.

Além da utilização das redes sociais para o exercício da sociabilidade local, o entretenimento, o lazer, o trabalho e a paquera, é especialmente usada para apresentar a comunidade sob a ótica desses grupos de moradores. Mais do que apresentar, busca subverter o estigma territorial ao produzir sentidos que evidenciam as potencialidades locais, como a arte, a solidariedade, os sonhos e a mobilização comunitária, uma construção do lugar de pertencimento, do Timbó que se sente parte, que ajuda a fabricar.

O perfil *Nossa Comunidade*, criado e em funcionamento no Instagram, é atualmente administrado por um jovem, mas visa representar a coletividade, os moradores da comunidade. Na biografia afirma apreender “o lado da comunidade que a mídia não mostra!”, mas inicialmente constava: “perfil criado para dar visibilidade à Comunidade do Timbó” (2022), possui mais de 3 mil seguidores e centenas de publicações⁹. É um perfil que produz suas próprias publicações como resposta ao conteúdo produzido por outros moradores que marcam a conta, logo é frequentemente utilizada para divulgar ações, festas e campanhas organizadas por alguém da comunidade ou por frequentadores – os não moradores – que desenvolvem trabalho no lugar.

Uma das interlocutoras de pesquisa foi administradora do perfil, Isabela, uma jovem de 22 anos que chegou recém nascida, junto com sua mãe, e cresceu na comunidade entende que “a página foi uma das coisas que mais ajudou, postam o que tá acontecendo na comunidade de uma forma diferente do que a galera costuma ver na internet”. Ao ser questionada sobre que forma diferente é essa, a moradora explica a desvinculação da violência, do tráfico de drogas, interessa mostrar a música que os jovens compõem ou dançam, os desenhos que criam, a divulgação do que comercializam e enquadramentos que fazem do lugar a partir das fotografias e vídeos que registram e postam. É a ênfase na perspectiva daquele que vive e sente o Timbó que constitui a forma diferente mencionada.

A *Nossa Comunidade* informa o que está acontecendo para os moradores, que são os usuários que majoritariamente interagem nas publicações e marcam o perfil para ser repostado, mas também como o público em geral, habitante ou não da cidade de João Pessoa. É um perfil aberto e público que busca ser seguido por qualquer pessoa que tenha interesse em acompanhar a comunidade, como é possível constatar nos habituais pedidos

⁹ Os dados estão de acordo com a verificação do perfil em 30 de maio de 2024, sendo possível que os números possam variar para mais ou para menos do indicado, caso perca ou ganhe seguidores ou exclua alguma publicação. Os números não são fixos devido à dinâmica de fluidez própria dessa rede social.

do administrador para a divulgação da conta, de modo a aumentar os seguidores e alcançar o maior número possível de pessoas. É um exemplo de como uma rede social é assimilada não somente para o exercício da sociabilidade entre os moradores, mas também como um exercício laboral para a abertura e a ampliação de espaços de visibilidade (Machado, 2017), expandindo as expressões morais e emotivas dos grupos de moradores e o debate com a cidade.

Ao analisar as experiências virtuais do Museu de Favela em um complexo de favelas do Rio de Janeiro, Machado (2017, p. 103) afirma que há um movimento crescente de autorrepresentação dos sujeitos periféricos e das comunidades nas plataformas, dialogando, contestando e ressignificando representações instituídas sobre si e o seu lugar de moradia. É um caminho identificado na Comunidade do Timbó, onde as narrativas e práticas dos moradores ganham contornos no âmbito digital, que ampliam suas vozes na construção e propagação de sentidos a partir de dentro e enriquecem a reflexão sobre as disputas e negociações sobre o Timbó.

O *Nossa Comunidade* é a concretização da possibilidade de espaços de visibilidades para falar sobre si e o seu lugar, elaborando quadros de conteúdo para fomentar o engajamento geral no esforço de produzir sobre a comunidade a partir de sentidos positivos, que pouco são apreendidos pela mídia, tendo em vista a minguada matéria que abordam as ações solidárias, a reivindicação dos moradores por serviços públicos de qualidade – como as manifestações para melhorias na unidade de saúde – e as atividades culturais que ocorrem no Timbó. O quadro “talentos do Timbó” foi pensado nessa direção, para apreender as potencialidades dos moradores mediante fotos ou vídeos registrando o que se sabe fazer, como cantar, desenhar, escrever poesias, dançar e esmaltar unhas, para citar os talentos que foram publicados.

O planejamento do quadro foi divulgado e os pedidos de envio do material para publicação perdurou por, aproximadamente, três semanas, mas a proposta não teve vida longa devido à baixa adesão dos moradores quanto ao registro e envio das fotos ou vídeos. Cinco postagens referente aos talentos do Timbó foram realizadas e Isabela, que no período ainda compunha a administração do perfil, se ressentiu pela curta vigência desse projeto ao apontar a pouca consideração dos demais moradores em relação ao trabalho dos então administradores com a *Nossa Comunidade*.

A gente tá sempre ali tentando engajar o pessoal de, por exemplo, postar vídeo de pessoas que tem talento, aí a gente fez essa atividade lá no Instagram e aí a gente ia postar um vídeo da pessoa cantando ou dançando alguma coisa e aí ia

ver quem que ganhava, mas aí, tipo, ninguém participou. Teve, mas não foi o suficiente para fazer uma coisa massa. Eu acho que era mais isso, porque a galera não ficava tão atenta a isso e parecia que era besteira para eles [Isabela, 22 anos, moradora da Comunidade do Timbó].

O empenho em engajar para fomentar a participação dos moradores parece não obter o retorno desejado, com o reconhecimento sendo substituído pela perspectiva da besteira, de uma atividade possivelmente vista como insignificante, o que proporciona o ressentimento quanto a validação das propostas dos administradores para a construção de sentidos sobre o lugar. Ressentimento que pode levar a um abandono das atividades administrativas, como no caso da interlocutora, que estava preocupada em fazer algo para o local, mas que não recebeu o reconhecimento esperado. Ao anunciar a saída nos stories da Nossa Comunidade, informa que

É triste quando nos esforçamos muito para algo, e aquilo não tem retorno positivo. Tudo que construímos com as poucas pessoas que deram real importância ao nosso objetivo, todas as vezes que levamos o nome do Timbó através dessa rede social... eu só tenho a agradecer [Isabela, 22 anos, moradora da Comunidade do Timbó].

Ressentir-se é uma forma de experienciar o desgosto pela desvalorização do trabalho e do projeto de lugar empreendido, promovendo a tristeza de não ter a consideração e participação esperada para a concretização do projeto. O engajamento através do perfil emerge como uma disputa em torno de sentidos sobre o lugar de moradia e de vivência, por isso agradece aos que reconhecem, “segue e entende o quão é importante mostrar o que tem de bom aqui onde moramos, que tem famílias e pessoas cheias de sonhos, jovens ansiosos por voar”.

Expressar elementos que fogem dos sentidos negativos de criminalidade, violência, suspeita e precariedade é uma maneira de fomentar laços com o local a partir de onde mora e se identifica na cidade. A arte é uma constante no perfil, buscando fortalecer o vínculo de pertencimento ao enfatizar “o que tem de bom”, “uma forma diferente” de apresentar a o Timbó por se basear naquilo que os moradores consideram característico do lugar: suas ruas, suas paisagens e seus moradores, que também são artistas e trabalhadores, considerando as divulgações do comércio local. Estimular a pertença é lidar, contudo, com ambivalência própria desse sentimento, permeado pelo gostar e o desgostar, o que leva a experienciar tanto sentimentos de satisfação e orgulho, quanto de

ressentimento e tristeza em relação a como projetos (Velho, 2003) são percebidos, aceitos, rejeitados ou ignorados pelos diversos grupos de moradores.

As disputas na construção de um imaginário de dentro, apoiado nos códigos morais e emotivos dos moradores, esbarra no reconhecimento ou não dos projetos locais para com o lugar. Não é porque um grupo de moradores se reúnem em torno da *Nossa Comunidade* que as atividades propostas serão aprovadas pelos demais, podendo existir a baixa participação, como no caso do quadro de talentos. Os moradores não são homogêneos, compartilham de laços gerais de pessoalidade, mas possuem projetos de lugar diversos a depender do grupo em questão.

Os jovens moradores fomentam um projeto específico e estabelecem parcerias na execução das atividades, algumas com maior ou menor receptividade dos demais moradores, como as iniciativas de intervenções urbanas nas ruas, com a pintura dos muros, a elaboração de desenhos e frases na calçada da ladeira principal de acesso do Timbó - Rua Rosa Lima dos Santos - com desenhos, frases e poesias, além de uma placa de boas-vindas e o registro da sigla LGBTQIA+ no poste de iluminação pública e a criação de placas com boas-vindas e referência de localização, tanto nessa ladeira como na do meio – na Rua Travessa São Paulo.

As intervenções urbanas foram amplamente divulgadas na *Nossa Comunidade* e perfis parceiros – de uma associação de juventude local e de um projeto de extensão da universidade federal. Os jovens envolvidos eram estudantes ou recém egressos de uma escola estadual cidadã integral, situada no bairro dos Bancários, que atende, entre outros, moradores da comunidade, mantendo relações de parceria com os membros do projeto de extensão e planejando atividades para desenvolver no Timbó, com a proposta das intervenções surgindo como uma maneira de apropriação e ressignificação de locais. Trabalho que resultou na mobilização dos jovens e das crianças que se interessaram pela atividade, atraindo olhares e elogios dos demais moradores, que consideraram bonito e atrativo o resultado da intervenção urbana.

Muros de casas foram cedidos para outras intervenções e elogios dados aos participantes, parando-os na rua para comentar a intervenção, como foi mencionado por alguns dos jovens e pela coordenadora do projeto de extensão. Tornar as ruas mais coloridas, pintadas e desenhadas, com placas bem enfeitadas estimulou o sentimento de pertença, transposto no enaltecimento da intervenção, pois ao deixar mais bonito fomentou o sentir-se parte daquilo, o gosto pelo que foi realizado. Mas nem todo o trabalho é bem quisto, enquanto o colorido seguido por frases de perseverança, fé e

trabalho relacionado ao lugar e seus moradores, a inscrição da sigla LGBTQIA+ no poste da ladeira principal gerou algumas reclamações e ameaças de uma nova pintura para cobrir a arte por considerarem que “não era para colocar isso bem na entrada da comunidade”, relata Vitória, uma professora universitária e frequentadora da localidade, ao lembrar as atividades realizadas em parceria com os jovens da *Nossa Comunidade*.

É bom que a comunidade receba cores e se torne mais bonita, que seja ocupada pelos moradores na construção de um lugar melhor e atrativo, mas os códigos morais envolvidos nesse processo são disputados pelos grupos locais. O que é importante para representar a comunidade para os seus e para os outros que passam pela localidade é alvo de tensões relacionais, enquanto um grupo jovem envolvido nas intervenções e ligados ao perfil consideram importante representar os moradores LGBTQIAPN+, apontando sua existência no lugar e seus agenciamentos nesse jogo de produção de sentidos para retratar o Timbó e estimular a pertença.

Aspectos das moralidades dos diversos grupos de moradores tensionam-se quanto a símbolos e escritos relacionados a diversidades de gênero e sexualidade, com os jovens envolvidos na atividade mantendo a respectiva intervenção como forma de reivindicar espaço para discussões e representações na comunidade. Portanto, disputas internas são travadas na produção de um lugar de pertencimento, de enraizamento que configura um sentimento de ser e estar no mundo a partir de onde constrói noções de si e do outro, de onde vivencia a cidade. Os projetos para com o lugar não são necessariamente os mesmos, apesar de compartilharem aspectos gerais da cultura emotiva (Koury, 2017; Pontes, 2021), mas fundam-se nos sentidos considerados positivos para representar o lugar.

O lugar é continuamente produzido nas tensões relacionais entre os de dentro, que agenciam em busca de espaço e afirmação no local, confrontando uma moral conservadora bastante presente na sociedade brasileira contemporânea, que se reflete também no Timbó. Códigos morais são acionados e disputados nesse processo, com os grupos às vezes se distanciando ao não aceitarem certos elementos e ações realizadas e, às vezes, se aproximando em torno de alguns elementos e ações, concordando com seu sentido, como os demais aspectos da intervenção urbana que apreendem elementos artísticos como desenhos e poesias, as ações sociais de distribuição de alimentos, de corte de cabelo gratuito, de assessoria jurídica grátis e os eventos artísticos, como as oficinas de grafite, teatro e circo de rua, que ocorreram no I Encontro de Artes do Timbó e foi amplamente divulgado.

A arte é um elemento amplamente aceito e apreendido como importante para retratar o Timbó, seja através do grafite, das pinturas nas calçadas, das placas de boas-vindas repletas de cores e das oficinas para estimular as potencialidades artísticas, ou ainda dos livretos publicados com poesias, desenhos, músicas e textos de autoria dos jovens, em parceria com o projeto de extensão universitária da UFPB. Livretos estes que resultaram na montagem de um livro impresso, publicado em agosto de 2024, que busca divulgar a produção da juventude do Timbó, dos “jovens ansiosos por voar” para além da comunidade e das barreiras lançadas devido sua cor, local de moradia e classe social.

São jovens de camada popular, majoritariamente negros e que se consideram periféricos, que despontam no *Instagram*, nos perfis que representam coletividades na e da comunidade, com o propósito de veicular suas práticas e narrativas a partir do lugar de moradia, que também é construído como de pertencimento. A *Nossa Comunidade* apresenta um modo de ocupação do *Instagram* como mais um campo para disputas em torno da comunidade, com o objetivo de se fazer presente na produção de sentidos sobre o lugar, questionando o imaginário consolidado e construído de fora para dentro, ao mobilizar os códigos morais dos moradores. Além desse agenciamento de dentro para fora, as redes sociais são especialmente assimiladas para o exercício da sociabilidade entre os diversos grupos de moradores.

Peladas¹⁰ e encontros são marcados pelas redes, especialmente pelo *WhatsApp* situações são publicamente compartilhadas e comentadas, como é possível acompanhar pelo *Instagram*. A conversa na calçada é complementada pelo uso do telefone celular, visto que entre um assunto ou outro, uma troca de mensagens ao celular ocorre, um registro da rua é realizado e postado, marcando a *Nossa Comunidade* para ter sua publicação repostada e, conseqüentemente, visualizada por mais usuários. As redes sociais são assimiladas na dinâmica local e fomenta uma vivência singular da comunidade, que interliga espaços físicos e digitais na configuração do lugar de moradia e pertencimento, com as redes sendo mais do que um instrumento para a comunicação daquilo que os moradores consideram importante apresentar ao outro de fora. São tecnologias usadas na produção de maneiras de viver o lugar Timbó.

¹⁰ Partida de futebol recreativa, sem o intuito de competição por campeonato e, conseqüentemente, sem seguir as normas de uma partida profissional. Vale o consenso dos jogadores, com regras livres e flexibilidade quanto ao tamanho da quadra ou do campo, as condições dos calçados, ao uniforme, as marcações básicas e ao tempo de jogo.

Um modo de experienciar e agenciar no urbano

A interlocução entre espaços físicos e digitais nos leva a considerar a reflexão de Scott McQuire (2006, 2008) sobre como os meios de comunicação de massa – a televisão e o rádio, por exemplo – coexistem com novas tecnologias e criam outras maneiras de produzir e experimentar os espaços urbanos. As tecnologias de comunicação influenciam na dinâmica das cidades na contemporaneidade, uma vez que a mídia não está separada do urbano, principalmente com a disseminação, a imediatidade e a mobilidade que configura o seu funcionamento social. Para o autor, as cidades são perpassadas por imagens e redes de comunicação que modificam as práticas sociais e a organização urbana, essa circunstância pode ser aplicada ao caso da Comunidade do Timbó?

Assim como diversos espaços urbanos contemporâneos, o Timbó não é somente um espaço físico constituído por ruas, becos e vielas que contemplam árvores, casas de um ou dois pavimentos, em sua maioria sem muros, uma quadra poliesportiva, igrejas evangélicas e católica, creche, comércio e sedes de Organizações Não Governamentais (ONGs) e projetos sociais. Esses espaços, amplamente ocupados pelos moradores para o encontro com o outro nas calçadas, esquinas, quadras, bares e demais estabelecimentos religiosos e comerciais, são perpassados pelas tecnologias de comunicação, com a criação de espaços digitais que integram formas de interação no lugar. Como McQuire (2008) pontua, é possível identificar que a comunidade não é apenas mediada pelas tecnologias, mas que a assimilação dessas são responsáveis por fabricar formas de interatividade e percepção no e do Timbó.

Consideramos que as tecnologias de comunicação foram assimiladas a partir da dinâmica local, como supracitado, abrangendo as trocas relacionais de intensa pessoalidade, onde impera o conhecimento mútuo das pessoas e dos acontecimentos na comunidade (Prado, 1998). As plataformas digitais, em especial as redes sociais *WhatsApp* e *Instagram*, compõem a rede de informação que além da boca a boca na interação face a face, conta com os grupos de conversa nas respectivas redes, mas que acaba conformando um ambiente mais íntimo e privado, de troca de mensagens individuais ou entre um grupo de amigos. No domínio do público, daquilo que é encaminhado para publicação, dos stories vinculados e das interações nas postagens, é especialmente interessante a elaboração de estratégias para o exercício da cidadania.

Há o que podemos chamar de rede de comunicação comunitária em espaços digitais, um dos exemplos no *WhatsApp* é o grupo de moradores, que até pouco tempo constava o link no perfil *Nossa Comunidade*. É um grupo para a circulação de informações

corriqueiras, como a verificação de casas para alugar, oportunidades de emprego, situações de emergência, eventos locais, ações solidárias, a reportagem de problemas, entre outros. O fomento da interatividade estimula a participação cidadã, com a discussão sobre equipamentos e serviços urbanos nos grupos privados ganhando espaço no ambiente público dos perfis abertos e que buscam representar a comunidade enquanto coletividade. As ferramentas de publicação em *feed* e em *story* no *Instagram* são usadas para queixas e denúncias, alcançando um número maior de pessoas, entre elas os que não participam do grupo de moradores, a população em geral, a mídia e a PMJP.

Os primeiros casos denunciados na *Nossa Comunidade* reclamam o descaso com a coleta de lixo na comunidade que, em 18 e 19 de maio de 2020, contavam com pontos e esquinas repletas de sacolas plásticas, caixas de papelão e demais entulhos aglomerados pelos dias que a empresa responsável pela limpeza urbana não passava. Imagens e vídeos registrados pelos moradores mostram o lixo acumulado na Rua Travessa São Paulo e na Rua Nossa Senhora de Fátima, com as legendas enfatizando o encaminhamento do material pelos moradores para o administrador do perfil, que realiza a publicação informando o número para contato da empresa, com apelo à ligação para a limpeza do espaço, a marcação de contas dos principais jornais locais e o pedido para a “galera” jogar o lixo no local indicado para depósito, de modo a evitar o acúmulo de sujeira.

É interessante notar como a mídia é acionada para contribuir na exposição da situação problemática e na busca de pressionar a PMJP pelo serviço de coleta de lixo na comunidade. Compreendendo como a mídia consegue acessar mais pessoas, as contas dos principais jornais televisivos constam na legenda da publicação e nos comentários dos moradores que integram na postagem, vendo no auxílio a esses jornais como um modo de cooperar para a resolução mais rápida da situação, pela possibilidade de chamar atenção da administração pública e ter a reclamação atendida, não necessariamente pela resolução do acúmulo de lixo, mas pela proporção que a queixa tomou. Entre as contas dos jornais e da prefeitura está a do então líder da Associação Comunitária dos Moradores do Vale do Timbó (ACMVT), que é requisitado para integrar a mobilização e buscar caminhos para solucionar o problema.

A abordagem e discussão de condições problemáticas no lugar abarca a busca pela organização e mobilização comunitária de exercício da cidadania, mas com o engajamento que é apontado como insatisfatório por alguns, como Pedro, morador egresso do ensino médio e participante do projeto de extensão universitária na função de jovem pesquisador,

que percebe que comumente são as mesmas pessoas que se mobilizam e tentam incentivar os demais na causa.

falta instiga, instiga própria, tipo assim, isso aqui tá errado e não pode ficar assim não, vamos resolver, se juntar e resolver. Não é um problema da gente? É! A gente não sabe que todo mundo tem direito? Tem! Pois vamos atrás, simples! Aquilo evoluiu do jeito que evoluiu justamente porque pessoas se juntaram e fizeram acontecer, então por que que não tem essa continuidade? Por que tem que ser sempre a mesma pessoa, tá ligado? Se é um processo evolutivo, porque não tem evolução de dentro pra fora? [Pedro, 19 anos, morador da Comunidade do Timbó].

As estratégias de registro de imagens, envio para a *Nossa Comunidade* e publicação do material acompanhado de uma legenda denunciando o problema e chamando os demais para a mobilização pode ser uma estratégia para atenuar a questão levantada por Pedro: instigar e manter o entusiasmo da participação nas demandas para produzir melhores condições de vida na comunidade. A instiga é acionada como elemento que desperta o jovem e que precisa ser conservada para condicionar o “processo evolutivo”, a participação contínua e não uma mobilização encabeçada somente pelas mesmas pessoas, que precisam atuar também no estímulo aos demais.

Para conseguir o básico, como direito a um local de moradia, serviços de abastecimento de água e energia, urbanização e resolução dos problemas com as áreas de risco ambiental, o engajamento dos moradores foi primordial e continua sendo. Para Pedro, o atual contexto é fruto da luta dos moradores e para mais melhorias urbanas é preciso um engajamento continuado devido a invisibilidade das comunidades para a administração pública da cidade, de modo que além de criar caminhos para o engajamento comunitário na interconexão entre espaços físicos e digitais é importante ressaltar para os moradores que a mobilização é efetiva e eficiente quando conta com o envolvimento do maior número de pessoas possíveis, não dependendo de somente uma ou outra para tomar iniciativas.

Entre os comentários que parabenizam e reforçam a denúncia, inclusive indicando outros locais com acúmulo de lixo e os que reforçam a atenção para o descarte correto do lixo, somente nos pontos e nos dias de coleta para garantir que seja levado pela empresa e evitar a propagação de sujeira nas ruas, há a crítica a atuação passiva do líder comunitário, exigindo um pronunciamento e, sobretudo, um maior engajamento nas demandas da comunidade, abarcando a necessidade do comprometimento de todos, principalmente do

apoio do presidente da associação, para lutar por melhores condições de vida no Timbó. Direitos e deveres são pautados, é preciso cobrar o serviço de coleta, mas também o envolvimento dos moradores para a manutenção da limpeza principalmente durante o período de isolamento social na pandemia de Covid-19. A via de mão dupla é acionada no cuidado com o lugar, mas para isso predomina a reivindicação pela regularidade do serviço de coleta, o compromisso da PMJP com a limpeza da comunidade.

Mesmo quando o problema não é visível nas ruas, como no caso do acúmulo de lixo, a *Nossa Comunidade* é requisitada para explicar a má qualidade do serviço prestado à comunidade, como no caso da condição da água. Diferente do caso anterior, onde o material é registrado e encaminhado ao administrador do perfil para publicação, na situação Isabela utilizou sua conta pessoal para gravar o conteúdo: um vídeo em que um copo de vidro transparente é posicionado abaixo da torneira de uma pia - aparentemente da cozinha - e recebe um líquido esbranquiçado e gasoso - semelhante a bebidas ice de limão. O material foi publicado em maio de 2022, na ferramenta story e com a marcação do perfil, que repostou. Ao mostrar a água para consumo que recebe em casa, a jovem ironiza como “o Timbó agora é chique” por receber “água com gás” direto da torneira.

Ao lançar mão da ironia como modo sarcástico de denunciar a qualidade da água, Isabela faz uma crítica imbricada de deboche, uma forma de expressão bastante utilizada pela juventude para ponderar situações através do escárnio ao serviço prestado pela estatal, mesmo com o pagamento mensal para consumo. A indignação é sentida e expressada mediante ironia de pagar por um serviço que deveria fornecer água limpa e potável, mas entrega em má qualidade, ridicularizando a situação e dinamizando a comunicação ao usar gramáticas emotivas compartilhadas pelo grupo no qual se insere. Mas não somente, ao marcar a *Nossa Comunidade* e ter o story repostado, alcança outros grupos de moradores que podem vivenciar o mesmo problema.

Isabela não solicita, de forma explícita, que os demais entre em contato com a estatal que distribui água para consumo, repassando números de telefone e pedindo por ligações como no caso anterior. Se mostra insatisfeita com a qualidade da água que chega ao Timbó e é esse desagrado que pretende explicar, com a ironia como efeito crítico. Em uma de nossas conversas, numa tarde de quarta-feira sentadas nos banquinhos da calçada da quadra aproveitando a sombra de uma árvore, mencionei a reclamação sobre a água e a jovem afirma ter decidido produzir e divulgar o vídeo como forma de estimular os demais moradores que vinham sofrendo com a má qualidade da água a denunciar e pressionar por um serviço de qualidade para consumo.

Retorna a compreensão da necessidade de criar caminhos para a mobilização comunitária e, sobretudo, de estimular o agenciamento dos moradores na busca por melhores condições de vida. Isabela considera que após a reportagem do conteúdo, recebeu mensagens em suas redes e foi parada na rua por moradores que informaram receber o mesmo tipo de água em casa e já ter entrado em contato com a estatal responsável para registrar a queixa e saber o motivo da má qualidade, mesmo pagando para receber água límpida e própria para o consumo. Para a jovem

Na maioria das comunidades, né, ou em todas, só vai porque alguém abre a boca, porque, sinceramente, eu acho que a galera tá nem aí pra essas coisas, tem coisa muito mais importante para mostrar para o povo que vem de fora, que vai na orla... Aí que ver boniteza enquanto as comunidades tão tudo em condições precárias, sabe? De carência mesmo. E principalmente agora com esse negócio da água que a gente nunca teve problema com água e agora tá tendo. Aí pronto, acho que só se os moradores se mobilizarem mesmo, porque se for esperar sentado... [Isabela, 22 anos, moradora da Comunidade do Timbó].

O engajamento é posto como necessário para alcançar melhorias no Timbó, historicamente invisibilizada, que tem suas demandas expostas, discutidas e atendidas somente com a mobilização comunitária. A comunidade é percebida como subsumida nos interesses públicos para a administração da cidade, que tende a beneficiar as áreas nobres e turísticas para embelezar os olhos de quem vem de fora e vivenciar uma cidade específica, voltada principalmente para o turismo na orla marítima. Na contramão estão as comunidades, que convivem com condições precárias de equipamentos e serviços públicos.

Quando não há um compromisso em trabalhar pela cidade como um todo, fornecendo as mesmas condições de urbanidade para possibilitar uma vivência comum de direito à cidade, emerge o carecimento de criar estratégias para o exercício da cidadania, buscada na organização e mobilização comunitária que são frequentemente expressas nos espaços digitais para viabilizar a ampliação das vozes e demandas dos moradores por um lugar para viver com dignidade e acesso a equipamentos e serviços urbanos de qualidade. As condições que estão presentes nos espaços físicos do Timbó e não são vivenciados por aqueles que moram ou frequentam a comunidade, são produzidas também nos espaços digitais na veiculação das situações experienciadas e na elaboração de mobilizações para lidar com essas situações.

A interlocução entre os dois espaços promove uma maior agilidade na identificação, propagação, discussão e mobilização para responder às demandas, bem como configura a produção dos locais da comunidade projetados em imagens e vídeos registrados com aparelho *smartphone*, fabricando novos contornos urbanos. É possível se inteirar sobre o Timbó sem estar presencialmente no lugar, especialmente sob a ótica dos moradores ao acompanhar as queixas, as ações sociais, as festividades, as atividades religiosas, a produção artística, a divulgação do comércio local e as figuras que são memes, entre outras nuances que são presentes na *Nossa Comunidade*.

McQuire (2008) fala sobre uma arquitetura imaterial que se refere a arquitetura das cidades contemporâneas, é aquela que não está restrita aos espaços físicos por apreende as redes de dados, as telas interativas e as projeções que configuram a experiência urbana com tempo e espaços fragmentados pelas tecnologias digitais, que sobrepõem eventos e locais e fomenta a interatividade. É uma noção interessante para aprofundar a reflexão sobre a Comunidade do Timbó, uma vez que trabalha através da interlocução entre espaços físicos e digitais, de como as tecnologias de comunicação tornam as cidades ainda mais dinâmicas e complexas, pois são apreendidas pelos cidadãos como um elemento importante no planejamento e na vivência urbana.

Nesta direção, a dinâmica do Timbó é redesenhada com a apropriação das tecnologias digitais na forma de sociabilidade local, com o modo de produzir sentidos sobre a comunidade e, sobretudo, de a experienciar nas nuances do físico e do digital. Logo, as redes sociais, plataformas digitais que nos debruçamos nesta reflexão, compõem a infraestrutura da vida na comunidade, mas que não é vivenciada de modo equivalente por todos os moradores, visto as desigualdades sociais que se reproduzem no lugar, com a existência daqueles que não possuem condições materiais de acesso a essas tecnologias. Os apontamentos se assentam nos moradores que dispõem de condições para estarem presentes nos espaços digitais: aparelho *smartphone* acesso à internet *wifi* ou de dados móveis. É sobre a persistência das desigualdades sociais e espaciais na vivência dos espaços físicos e digitais do Timbó que pretendemos nos debruçar no próximo artigo com o balanço do material de pesquisa.

Considerações Finais

O âmbito digital é assimilado na Comunidade do Timbó a partir da dinâmica local de sociabilidade, compondo modos de manutenção da presença do outro e configurando espaços físicos e digitais onde os moradores agenciam para a produção de sentidos em

torno do lugar de moradia e pertencimento. Com a assimilação do digital ocorre uma continuidade das trocas relacionais pessoalizadas, embasada no conhecimento mútuo, com as redes sociais se tornando mais um canal de informação no e sobre o lugar, fomentando caminhos para a mobilização comunitária.

A vivência das ruas e das calçadas para exercitar as relações de laços estreitos e duradouros é permeada pelo uso de aparelhos celular, comumente usados para registrar uma cena, como a rua movimentada e contornada por um céu laranja que evidencia o pôr do sol, para citar uma das infinitas publicações dos espaços urbanos da comunidade que são (re)postadas pela *Nossa Comunidade*. Perfil que, como evidencia o nome, traz uma perspectiva dos moradores, daqueles que pertencem e buscam retratar o lugar através de sentidos que fogem das imagens de vulnerabilidade, carência e criminalidade. O Timbó é *nosso*, dos moradores, daqueles que o fazem e vivem cotidianamente, tendo que lidar com o processo de estigma territorial sobre a comunidade, que afeta diretamente a autoestima dos moradores.

É a perspectiva de dentro que configura o conjunto de publicações, nelas a arte, a solidariedade, a religiosidade, o comércio local, as festividades e os espaços físicos do Timbó ganham ênfase. O Timbó não é somente aquilo que a mídia veicula - geralmente matérias sobre violência urbana e risco ambiental -, “aqui tem: arte, cultura, diversidade, amor, paz” como indica uma das placas elaboradas na intervenção urbana empreendida por jovens moradores em parceria com o projeto de extensão universitária. A imagem da placa fincada na entrada da ladeira principal ganhou uma publicação na *Nossa Comunidade*, com comentários enaltecendo as potencialidades do lugar, que “tem tudo isso e muita gente boa [três emojis de coração em vermelho]”, escreveu uma seguidora.

Ao enfatizar sentidos positivos em torno do Timbó, esses grupos de jovens trabalham o sentimento de pertencimento propagando o que consideram importantes para retratar a comunidade, com o espaço digital construído através do Instagram sendo um campo que permite ampliar o alcance da produção dos moradores e se torna mais uma instância de engajamento para disputas e negociações sobre o lugar. Com o espaço digital apresentam aos de dentro e aos de fora formas de perceber e viver a comunidade, de experienciar e fazer a cidade e de lutar por condições dignas de vida nos espaços periféricos e invisibilizados. Consequentemente, promovem estratégias para a organização e a mobilização comunitária, para o exercício da cidadania com a busca pela concretização dos direitos e a advertência dos deveres para o cuidado interno com o lugar.

É, portanto, na tessitura de uma reflexão que perpassa os espaços físicos e digitais

do Timbó que a reflexão está sendo desenvolvida, considerando que a vivência do lugar pelos moradores é imbuída pela assimilação das tecnologias de comunicação, que transforma a experiência urbana da comunidade. Complexifica-se a forma de sociabilidade local com a apropriação das plataformas digitais, mas ao invés de alterá-la, parece ocorrer um fortalecimento da personalidade e dos códigos da cultura emotiva (Pontes, 2021). Bem como promove uma expansão do engajamento da juventude, veiculando a quem possa interessar a maneira como produzem o lugar de pertencimento, isto é, os sentidos que acionam para retratar a comunidade, a partir de onde compreendem a si e aos outros.

Referências

AGIER, Michel. *Antropologia da cidade: Lugares, situações, movimentos*. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2011.

AGIER, Michel. Do direito à cidade ao fazer-cidade. O antropólogo, a margem e o centro. *Mana*, Rio de Janeiro, v. 21, n. 3, p. 483-498, dezembro, 2015. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/mana/a/wJfG33S5nmwwjb344NF3s8s/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 25 de maio de 2024.

ACMVT – Associação Comunitária dos Moradores do Vale do Timbó. *Contextualizando a Comunidade do Timbó (Censo 2015-2016)*. João Pessoa, 2016.

ARAÚJO, Mateus Augusto de. *O urbano na produção da favela do Timbó – João Pessoa: Regularizar os espaços para valorizar a cidade*. 2014, 117f. Dissertação (Mestrado em Geografia Humana) – Programa da Pós-Graduação em Geografia Humana, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.

DANTAS, Maria Auxiliadora Clemente. *A comunidade do Timbó (João Pessoa-PB): análise sócio-ambiental e qualidade de vida*. 2003. 183f. Dissertação (Mestrado em Gestão e Políticas Ambientais) – Programa de Pós-Graduação em Gestão e Políticas Ambientais, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2003.

GOFFMAN, Erving. *Estigma: Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. Rio de Janeiro: LTC, 1981.

HINE, Christine. *Virtual Ethnography*. London: Sage, 2000.

HINE, Christine. A internet 3E: Uma internet incorporada, corporificada e cotidiana. *Cadernos de Campo*, São Paulo, v. 29, n. 2, pp. 1-42, dezembro, 2020. Disponível em: <https://revistas.usp.br/cadernosdecampo/article/view/181370/168259>. Acesso em: 10 de abril de 2024.

KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. O local enquanto elemento intrínseco da pertença. In: LEITÃO, Cláudia (Org.). *Gestão Cultural - significados e dilemas na contemporaneidade*. Fortaleza: Banco do Nordeste, 2003, p. 75-87.

KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. *Etnografias urbanas sobre pertença e medos na cidade*. Estudos em antropologia das emoções. Recife: Bagaço/João Pessoa: GREM, 2017.

MACHADO, Mônica. *Antropologia Digital e experiências virtuais no Museu da Favela*. Curitiba: Appris, 2017.

MACHADO, Mônica. A teoria da antropologia digital para as humanidades digitais. *Z Cultural - Revista do Programa Avançado de Cultura Contemporânea*, Ano XII, 02, 2017a.

MCQUIRE, Scott. *The politics of public space in the media city*. First Mondays, Special Issue n. 4, 2006.

MCQUIRE, Scott. *The media city: media, architecture and urban space*. Sage: Londres, 2008.

PITA, Ana Luiza Lima Rodrigues. *Segregação urbana e organização socioespacial: Um estudo da Comunidade do Timbó, em João Pessoa*— PB. 2012, 203f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2012.

PONTES, Williane Juvêncio. *Emoções e Sociabilidade Urbana: Uma etnografia sobre a Comunidade do Timbó, João Pessoa*—PB. 2020. 287f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2020.

PONTES, Williane Juvêncio. *Transformando o espaço em lugar*. Uma etnografia sobre

a Comunidade do Timbó, João Pessoa - PB. Recife: Edições Grem-Grei, 2021.

PONTES, Williane Juvêncio. Periferização e estratégias de resistência: A formação de uma comunidade a partir do processo de crescimento urbano de João Pessoa-PB. *Ponto Urbe*, São Paulo, n. 31, v. 1, jul., 2023. Disponível em: <<https://revistas.usp.br/pontourbe/article/view/216922/202289>>. Acesso em: 01 de junho de 2024.

PONTES, Williane Juvencio; SOUZA, Raissa Taimilles Valério Paiva de. Formas de fazer cidade: interconexões entre o presencial e o digital. *Illuminuras*, v. 23, n. 63, pp. 172-191, 2022.

PRADO, Roseane M. 1998. Cidade Pequena: paraíso e inferno da personalidade. *Cadernos de Antropologia e Imagem*, n. 4, pp. 31-56.

SOARES, Cristiane Leal Rodrigues. *A violência da segregação. Uma etnografia da Comunidade do Timbó localizada no bairro de Bancários em João Pessoa/PB*. 2009, 136f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2009.

TUAN, Yi-Fu. *Espaço e lugar: A perspectiva da experiência*. São Paulo: DIFEL, 1983.

VELHO, Gilberto. Projeto, emoção e orientação em sociedades complexas. In: VELHO, Gilberto. *Individualismo e Cultura: Notas para uma antropologia da sociedade contemporânea*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1981.

WACQUANT, Löic. A estigmatização territorial na idade da marginalidade avançada. *Sociologia: Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*, v. 16, pp. 27-39, 2017.

Recebido em 15 de julho de 2024.

Aceito em 03 de outubro de 2025.